

Mídias, transformações sociais e contribuições da teoria social cognitiva

Roberta Gurgel Azzi

Universidade Estadual de Campinas
Campinas, SP, Brasil

RESUMO

O texto aborda contribuições da Teoria Social Cognitiva envolvidas em processos de transformação social desencadeados por meio de recursos midiáticos. Para tanto, o artigo dialoga com o tema da mídia como canal construtor de referências pessoais, apresenta conceitos-chave da Teoria Social Cognitiva envolvidos nos relatos feitos de uso da mídia para enfrentamento de importantes questões macro sociais, em diversos países do mundo. Os conceitos teóricos mencionados são modelação, auto-eficácia, agência humana. Informa-se que nos relatos descritos a Teoria Social Cognitiva foi um de três componentes articulados pelo desenho de programas psicossociais para os diversos cenários de intervenção. São oferecidas reflexões sobre a contribuição da leitura psicológica aqui destacada, bem como marcados desafios a serem enfrentados em continuidade da discussão do tema.

Palavras-chave: Teoria social cognitiva; aprendizagem social; comunicação; psicologia social.

ABSTRACT

Media, social transformations and the contributions of the social-cognitive theory

The present text approaches the contributions of the Social-cognitive theory involved in processes of social transformation generated by means of media sources. With this purpose, the article converses with the theme of media as a bridge to build personal references and presents key concepts of the social-cognitive theory involved in experiences using media to face important macrosocial matters, through several countries in the world. The mentioned theoretical concepts are modeling, self-efficacy and human agency. It is informed that, in the presented reports, the Social-cognitive theory was one of the three components articulated by the design of psychosocial programs to several possibilities of intervention. Thoughts about the contribution of this psychological approach are presented, together with the remarking of the challenges to be faced in carrying on with the discussion of this theme.

Keywords: Social cognitive theory; social learning; communication; social psychology.

RESUMEN

Mídias, transformaciones sociales y contribución de la teoría social cognitiva.

El texto aborda contribuciones de la Teoría Social Cognitiva desarrolladas en procesos de transformación social originados a través de los recursos de comunicación. Por lo tanto, el artículo dialoga con el tema de la mídia como canal constructor de referencias personales, presentando conceptos clave de la Teoría Social Cognitiva desarrollados en los relatos hechos por la mídia para afrontar las cuestiones macrosociales, en los diversos países del mundo. Los conceptos teóricos mencionados son modelado, autoeficacia, agencia humana. Se informa que en los relatos descriptos la Teoría Social Cognitiva fue uno de los tres componentes articulados por el diseño de programas psicossociales para los diversos escenarios de intervención. Son ofrecidas reflexiones sobre la contribución de la lectura psicológica aquí destacada, bien como los desafíos que serán enfrentados en la continuidad de la discusión del tema.

Palabras claves: Teoría social cognitiva, aprendizaje social; comunicación; psicología social.

MÍDIA E PSICOLOGIA: DEBATES RECENTES

Em 2006, o Conselho Federal de Psicologia – CFP, o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro – CRP05 e a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia – ABEP promoveram o evento Mídia e

Psicologia: produção de subjetividade e coletividade. As participações dos expositores no evento estão organizadas em livro de mesmo nome que fora publicado em início de 2009, do qual vamos destacar algumas considerações como exemplos da importância e papel da mídia na construção da subjetividade humana.

Em fala de abertura no citado evento, Ferreira (2009, pp. 25-26), então presidente da ABEP, destacou:

Entendemos ser urgente, necessário e significativo reunir todos os esforços possíveis para deixar de lado a tradição de pressupor a interferência dos meios de comunicação sobre a subjetividade e sobre a coletividade, e passar a realizar estudos em que isso possa ficar demonstrado. É preciso acessar e tornar disponível o conhecimento sobre como e em que sentido isso acontece no Terceiro Mundo, na América Latina, neste país.

Continua o autor alertando para o risco de ficarmos reproduzindo estudos realizados em outros países sem considerarmos as diversidades de cada um. Este é um alerta importante, mas não pode nos levar ao movimento ingênuo de pensar que experiências já conhecidas devam ser deixadas de lado pelo fato de terem sido realizadas por um ou outro grupo. Há que se olhar o já vivido com olhares questionadores, críticos, inovadores e geradores de novos caminhos.

Calvino (2009, p. 46), ao discutir mídia, assinala que

um aspecto que singulariza essas tecnologias é sua capacidade de engendrar novas formas de sociabilidade, novas formas de ação social, e o que nos interessa aqui mais proximamente, novas formas de produção de si, novos processos de subjetivação.

O livro aqui referido traz inúmeras contribuições que merecem ser lidas e mencionadas, mas ficaremos neste momento com as provocações iniciais de Ferreira e Calvino que tornaram oportuno trazer a debate, como objetivo deste artigo, contribuições da Teoria Social Cognitiva aos processos de transformação social implementados desde a década de 1990, por meio de rádio e TV. Mais especificamente, vamos abordar a contribuição da teoria aos processos de transformação social mediados por dramas tipo novela, delineados com vistas à oferta de informação, motivação e estratégias de ação que incentivem as pessoas a alterarem o curso de seu cotidiano.

Trata-se de séries que dramatizam o dia-a-dia das pessoas, oferecendo a elas caminhos de aquisição de novos recursos para lidar com situações cotidianas que demandam superação. É o uso da tecnologia engendrando novas formas de ação, na direção assinalada por Calvino. Em outra direção, constitui-se na aceitação da provocação de Ferreira de que são necessários estudos que debatam a interferência da mídia. Vale mencionar que esta não é a única nem a primeira contribuição teórica da psicologia em tal direção, mas como foge ao escopo e proposta deste texto uma revisão dos

estudos elaborados em outras vertentes, fica ao leitor interessado o desafio de promover outros diálogos com os estudos de psicologia e recursos midiáticos.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A TEORIA SOCIAL COGNITIVA

Como dito anteriormente, para a análise aqui proposta partimos de uma leitura da psicologia denominada Teoria Social Cognitiva, que tem como seu elaborador Albert Bandura, que no processo de formulação teórica contou com vários colaboradores na realização de seus estudos empíricos. Bandura é canadense de nascimento, mas teve sua formação e trajetória profissional realizadas nos Estados Unidos. Trabalha na universidade de Stanford (EUA) desde 1953 e está entre os psicólogos vivos mais destacados da contemporaneidade. Sua produção científica é vasta e disseminada em diversos países do mundo. Resultado de uma extensa trajetória de estudos e investigação, a Teoria Social Cognitiva coloca-se como um corpo teórico enraizado no campo da aprendizagem social e constitui-se hoje em um referencial explicativo para a ação e desenvolvimento humanos (Bandura, 1986).

Com uma longa trajetória de investigação e teorização, Bandura desenvolveu um corpo teórico dentro da Psicologia que se revelou, combinado com conhecimentos de outras áreas, uma possibilidade de contribuição pela melhoria das condições vividas pelos povos mundo afora. Para situar o leitor nos conceitos teóricos que envolvem a contribuição desta visão, vamos começar discutindo a ideia de agência humana proposta pela teoria aqui privilegiada. Evidentemente não vamos discorrer em profundidade sobre os processos postulados pela teoria, mas precisaremos deixar anunciados alguns conceitos importantes que nos ajudam a pensar o tema aqui trabalhado.

A Teoria Social Cognitiva é fundada na perspectiva de agência, como diz Bandura (2001).

A Teoria Social Cognitiva propõe um modelo explicativo para o funcionamento humano que se desenha pelo determinismo recíproco no qual comportamento, fatores pessoais e o ambiente operam interagindo como determinantes que se influenciam bidirecionalmente e que no conjunto formam o triângulo comportamento, fatores pessoais e ambiente (Bandura e Jourden, 1991; Bandura, 1986).

No modelo de causalidade recíproca as pessoas têm possibilidade de exercer algum controle sobre seus destinos, mas a determinação comportamental é probabilística já que a maior parte do comportamento é co-determinado por muitos fatores que operam interativamente (Bandura, 1997).

A perspectiva de indivíduo agente postula que o indivíduo tem possibilidade de desenvolver sua capacidade de exercitar controle sobre a natureza e qualidade de suas vidas. Nesse sentido, as pessoas são vistas como agentes ativos que exercitam alguma influência sobre sua própria motivação e ação (Bandura, 2001). As pessoas são auto-organizativas, pró-ativas, autorreflexivas e autorreguladoras. Nesta perspectiva, o indivíduo, por conta das capacidades básicas humanas (simbolização, antecipação, autorreflexão, autorregulação), possui um sistema autorreferente que o possibilita agir intencionalmente em direção a fins específicos, elaborar planos de ação, antecipar possíveis resultados, avaliar e replanejar cursos de ação (Bandura, 1993, 2001).

A Teoria Social Cognitiva distingue entre capacidades humanas básicas e como a cultura modela estas potencialidades em formas diversas nos diferentes contextos culturais (Bandura, 2006). Somos possuidores de um conjunto de capacidades básicas que nos permite diferenciarmo-nos no e pelo contato com a cultura em que estamos inseridos. O autodesenvolvimento, adaptação e mudança são enraizados em sistemas sociais e a agência pessoal opera dentro de uma rede de influências socioestruturais. Nestas transações agênticas, as pessoas são produto e produtoras dos sistemas sociais, a agência pessoal e a estrutura social operam como co-determinantes de uma mesma estrutura causal (Bandura, 2001). Portanto, a visão de homem na Teoria Social Cognitiva é a de um indivíduo que se constitui inserido em sistemas sociais e é por meio das trocas com este meio social que a adaptação e mudança ocorrem.

Outro importante conceito é o de modelação, o processo de aprendizagem por exposição a modelos. Destaque-se que modelação não quer dizer mimetismo de resposta, mas sim uma modalidade de aprendizagem com função instrutiva, em que modelos funcionam como transmissores de conhecimento, valores, habilidades etc. (Bandura, 2002). Por esta perspectiva, a natureza humana é caracterizada pela vasta potencialidade que pode ser moldada pela experiência direta e observacional em uma variedade de formas dentro de limites biológicos (Bandura, 1986).

Autoeficácia, outro constructo importante da teoria, refere-se às crenças de alguém em sua capacidade em organizar e executar cursos de ação requeridos para produzir certas realizações (Bandura, 1997). A autoeficácia percebida ocupa um papel central na Teoria Social Cognitiva porque age sobre as outras classes de determinantes (Bandura, 1995).

A Teoria Social Cognitiva analisa as mudanças de desenvolvimento na autoeficácia percebida em termos de desenvolvimento da agência humana durante a vida. Quando visto numa perspectiva de curso de vida, os caminhos que esta toma são moldados pela interação de diversas influências em sociedades em constante mutação. As crenças de eficácia são desenvolvidas e alteradas pelas experiências de domínio diretas, pelas experiências vicárias, avaliações sociais feitas por pessoas significativas e mudanças nos estados fisiológicos. As crenças de eficácia participam da regulação de todos os tipos de ações, inclusive quando elas tornam-se padrões habituais rotineiros (Bandura, 1997).

Uma coisa é adquirir habilidades, outra coisa é saber usá-las de maneira efetiva em circunstâncias complicadas. Competência humana requer não apenas habilidade, mas também autoconfiança em suas próprias capacidades para usá-las adequadamente. Influências de modelação precisam, desta maneira, ser desenvolvidas para construir autoeficácia além de apenas transmitir conhecimentos e regras de comportamento (Bandura, 2001, p. 144).

Bandura (2006b) destaca que avanços nas formas de comunicação vêm desempenhando papel nas transformações das ideias, valores e formas de comportamento. Recursos advindos do uso do rádio, internet e sistemas de vídeo em tempos de transmissão de satélites têm promovido mudanças em como as pessoas comunicam-se, educam, trabalham, relacionam-se e lidam com o cotidiano. A modelação simbólica usualmente funciona como mensageira de inovações para áreas amplamente dispersas (Bandura, 2006b, p. 115). Este alcance que a associação da Teoria Social Cognitiva com a mídia possibilitou concretamente nos últimos anos foi colocado a serviço de transformações sociais.

Pelas poucas informações conceituais aqui anunciadas é possível perceber que, segundo visão sociocognitiva de Bandura, é por meio de processo de modelação que as pessoas adquirem seus padrões comportamentais culturais, incluídos aí as crenças e os valores que os indivíduos vão incorporando em decorrência de seu contínuo processo de interação com o ambiente. Ainda que brevemente, os poucos conceitos aqui apresentados puderam mostrar que apenas sua formulação explicativa não mobiliza elementos suficientes para transformar-se em recurso de transformação social em prol de uma sociedade mais justa. Conhecimentos de outras áreas são alinhados para configurar uma real possibilidade de mudança. É sobre esta nova parceria que falaremos a seguir.

RELATOS SOBRE CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA SOCIAL COGNITIVA EM PROCESSOS DE MUDANÇA SOCIAL

No item anterior anunciamos aportes da Teoria Social Cognitiva importantes para entendermos as intervenções que serão aqui mencionadas. A seguir vamos conhecer o relato de Bandura sobre a contribuição de sua abordagem teórica em processos de mudança social, iniciando com sua fala sobre a forma como sua visão teórica analisa a difusão social.

A Teoria Social Cognitiva analisa a difusão social de novos padrões de comportamento em termos de três processos constituintes e fatores psicossociais que os governam. Estes incluem a aquisição de conhecimento sobre comportamentos inovadores, a adoção destes comportamentos na prática e os sistemas sociais que os suportam e pelos quais eles se difundem (Bandura, 2001, p. 144).

Partindo desta perspectiva, esta abordagem teórica vem colaborando com o desenvolvimento de programas de amplo alcance populacional em que haja um processo intencional de oferecimento de recursos que possibilitem que as pessoas apropriem-se de informações e estratégias que potencialmente as direcionam à transição para uma condição de maior emancipação. O desenho dos dramas aqui referenciados foi estruturado a partir da articulação de três componentes: o modelo teórico da Teoria Social Cognitiva que especifica os determinantes psicossociais para mudança e os mecanismos pelos quais eles produzem seus efeitos, um modelo de tradução e implementação dos postulados teóricos em um modelo operativo criativo e um modelo de difusão social que promove a adoção de programas psicossociais nos diversos cenários. O modelo de tradução e implementação foi coordenado por Miguel Sabido e o de difusão social contou com parceria entre a Population Communications Internacional (PCI) e a Population Media Center (PMC), ambas organizações não governamentais que trabalham pelo bem-estar das populações e pela defesa dos direitos humanos.

Os dramas trazem diferenças com relação às novelas comuns na medida em que são desenhados para informar, capacitar, guiar e motivar as pessoas para efetivarem mudanças em suas vidas. As dramatizações promovem assistência às pessoas oferecendo caminhos onde encontrar suporte no ambiente (Bandura, 2002). Entre os diversos dramas já veiculados podemos encontrar histórias dramatizadas em áudio e veiculadas por rádio, dramas televisivos e mais recentemente histórias impressas (ver site <http://www.population.org/multimedia.shtml>). É preciso destacar também que a literatura menciona inserções mais curtas em

novelas comuns, como tem sido o caso no Brasil (ver mais abaixo).

Um poder especial da modelação psicológica é o alcance que ela tem quando se usa meios de comunicação como rádio, TV, internet etc. Pessoas de localidades distantes e muito diferentes são expostas a padrões de comportamento inusitados para aquela comunidade, efeitos de uma lógica que nos iguala e dilui nossas diferenças. Por outro lado, também podemos, e devemos, usar a mesma lógica explicativa para trabalharmos em direções políticas mais justas e menos excludentes do que a de achar que todo processo inovador é bom para todos os povos, a qualquer tempo. (Bandura, 2006b).

Nesta direção, Bandura (2000a) não deixa de mencionar que qualquer intervenção que se utilize de comunicação de massa para promover mudanças pessoais ou sociais tem raízes éticas e que avaliações sobre ética dependem de quem seleciona as mudanças a serem produzidas, os agentes da mudança, os meios usados etc. No caso dos dramas aqui em evidência ele destaca que as escolhas sobre quais mudanças empreender não foram feitas por estrangeiros em busca de interesse próprio. Ao contrário, e ainda segundo o autor, os dramas só foram criados a partir de pedidos locais de ajuda nos temas abordados em cada país. Além disto, estudos preliminares foram feitos para o devido conhecimento de formas de organização, valores culturais e práticas assumidas pelos diversos grupos, trabalhos sempre feito com equipes locais. Mais, as dramatizações foram baseadas nos valores humanos declarados e sancionados pela Organização das Nações Unidas (Bandura, 2002).

A partir do texto de 2002 e de informações disponíveis nos sites da PCI e PCM¹ podemos anunciar alguns exemplos dos dramas construídos e veiculados a partir da integração dos três modelos anteriormente relatados.

México

Miguel Sabido, precursor dos dramas educativos, realiza drama que promove adesão ao programa nacional de alfabetização no México no início da década de 1980. Desde então outras programas foram veiculados.

Índia

A primeira novela com conteúdo social da Índia. Ao final de cada episódio, um ator famoso apresentava um guia resumido com direções para ações comunitárias e individuais. O programa incentivava o planejamento familiar e a elevação do status da mulher por meio de palavras e atitudes dos personagens-chave.

Taru foi uma rádio-novela de entretenimento e educação que foi ao ar de fevereiro de 2002 até fevereiro de 2003. Seu nome tem origem na protagonista do programa. A transmissão semanal da série de rádio promovia também as clínicas de saúde reprodutiva em 25000 vilas.

Etiópia

Na série de rádio etíope Yeken Kignit (“Dando uma olhada no dia-a-dia de alguém”) transmitida em 257 episódios pela PMC entre 2002 e 2004. Um dos enredos mais importantes era sobre HIV/AIDS – especificamente a necessidade de detecção no início e prevenção.

Brasil

Pelos dados do texto de Bandura (2006) podemos verificar que, em quatro novelas brasileiras veiculadas pela Rede Globo, os temas da saúde sexual e reprodutiva, sexualidade e relações de gênero foram abordadas em vários capítulos das seguintes novelas: *Malhação*, *Agora é que são elas*, *Mulheres Apaixonadas* e *Anjo Mau*. Como lembrado no texto, as novelas brasileiras costumam ser traduzidas e transmitidas em outros países aumentando, assim, o alcance das informações veiculadas. Também se verifica no site da PCI a descrição detalhada sobre a inserção feita na novela *Páginas da Vida*, veiculada entre setembro de 2006 e março de 2007, centenas de cenas sobre saúde reprodutiva, relações de gênero e outros temas que foram veiculados durante a novela. Segundo as manchetes sobre os estudos de acompanhamento realizados durante sua veiculação, ficamos sabendo que 83,3% das mulheres entrevistadas, de um total de 474, assistiam à novela pelo menos duas vezes por semana (41,35% o faziam diariamente). Entre elas 65,4% informaram que passariam a ‘tomar mais cuidado’ para evitar gravidez indesejada.

Não vamos elencar todos os países, temas e programas realizados, mas para dar ao leitor uma ideia do trabalho que vem sendo realizado, tomemos a informação do PCI: Trabalhando com os profissionais de mídia, alcançou a marca de mais de 242 produções, incluindo séries dramáticas no rádio e na TV, gibis, documentários e anúncios do serviço público atingindo centenas de milhares de pessoas em 27 países pelo mundo (site PCI: <<http://www.population.org/programs.shtml>>, acesso em 12 abr. 2009).

DIALOGANDO COM OLHARES DIVERSOS

Calvino (2009), em sua participação no Seminário *Mídia e Subjetividade*, marcou sua crítica ao tipo de exposição que estamos submetidos frente à televisão,

destacando seu caráter essencialmente caracterizado pelo formato norte-americano. Contou ele que em Cuba foi feita uma pesquisa com estudantes entre 6 e 12 anos que foram indagadas: “Se chegar um marciano em casa, após a escola, o que verá você fazendo?” A maior parte das crianças, 82%, respondeu vendo televisão, atividade que seria mantida até a hora de dormir. Vejamos, com as palavras de Calvino, a descrição das respostas seguida de seu comentário:

“Veremos a novela” (brasileira, certamente). “E depois da novela?” “Um filme” (americano, com muitos mortos), e assim por diante. “E depois?” “Depois vamos dormir”. Acabou o dia. As crianças vivem desta maneira. É diferente aqui no Brasil? Não. Em toda a América Latina é assim. Não é chauvinismo dizer que aqui é ainda pior do que o que sucede conosco. A programação pode ser produzida no país, mas o espírito dessa programação, em sua maioria, é americano. Então, diante disso, temos que pensar em fazer algumas coisas fundamentais (...)” (Calvino, 2009, p. 43).

E segue Calvino destacando caminhos que permitem alteração da forma como vemos e lidamos com mídia televisiva: desenvolver um senso crítico ou uma cultura crítica do consumo das mídias; democratizar a mídia; construir espaços de atuação e atuar com responsabilidade social. Não resta dúvida que as considerações de Calvino acenam para um caminho importante e que fornecem ‘conteúdo’ aos processos formativos desejáveis no desenvolvimento de sujeitos agentes com valores e perspectivas democráticas e marcadas pelo respeito às minorias e pelo compromisso de uma sociedade mais justa.

Não é novidade para ninguém o papel que a mídia exerce sobre nossas formas de ver e atuar no mundo e que estudos monitoram e desenham formas de contribuir com mudanças de valores e crenças das pessoas. Não é novidade também que conhecimentos da psicologia sempre estiveram presentes nos espaços midiáticos, e nem sempre em programas que buscam criar condições favoráveis à emancipação, autonomia e plena cidadania das pessoas. Não resta dúvida de que precisamos envidar esforços para o desenvolvimento de leituras críticas sistematizadas sobre os programas veiculados pela mídia, como o fez Gonçalves (2003), ao analisar programas televisivos dirigidos aos jovens, a partir de uma leitura sócio-histórica. Outros exemplos de leituras críticas a partir de diferentes referenciais teóricos são encontrados no livro *Mídia e Subjetividade*.

Olhando em outra direção é preciso retomar que no desenho dos dramas mencionados foram feitas escolhas marcadas por valores explícitos, ainda que compartilhados por um coletivo, como é o caso das pautas construídas a partir de acordos feitos em

âmbito da Organização das Nações Unidas. O que não quer dizer, evidentemente, que aqui não residam questionamentos que possam ser feitos. Em matéria da Folha de São Paulo intitulada ‘Conferência foca direitos humanos pós-Bush’, de 24 de fevereiro de 2009: “Como afirmar a universalidade dos direitos humanos e, ao mesmo tempo, garantir a autodeterminação dos povos? Como defender uma noção específica de direitos humanos marcadamente eurocêntrica sem ofender a particularidade de cada cultura?” Como destaca a reportagem, estas, há tempos, são questões de debate e sobre ela existem produções importantes, por exemplo: Santos, 2003, publicações do Conselho Federal de Psicologia, além de outras publicações impressas e o conteúdo de diversos sítios sobre Direitos Humanos.

Para não deixar de registrar outro caminho de discussão apontado na matéria, é preciso dizer que destaque foi dado a um pensador chinês que problematiza a universalidade do direito de dizer não ao que não é aceitável, “em vez de dizer quais são esses direitos, o que nos obriga a buscar aqueles mais palatáveis ao maior número de culturas, dizemos que é um direito dizer não. Cada um tem o direito de dizer não ao que for inaceitável para si. Desse ponto de vista negativo, a noção está afastada de uma ideia universal de verdade, mas, ainda assim, é um direito universal garantido a todos” (Folha de São Paulo, 24/2/2009, p. A8).

Oliveira (2009, p. 117) em sua participação na mesa ‘Mídia e produção de subjetividades: questões da cultura’, apresenta uma fala provocativa em que tece discussão problematizando a invenção cultural trazendo elementos de sua prática profissional e leitura sobre a loucura:

E quero dizer que é muito bom saber que a cultura é uma invenção plástica, porque isso traz para cada um de nós a possibilidade de operar nessa cultura; e nos faz, sim, sujeitos de escolha, da definição do nosso estilo da existência de cada um, e a cotidianidade de nossa presença na cultura ao fazer escolhas ético-políticas deve ser objeto de reflexão; isso, obviamente, envolve o campo que nos traz aqui, que é mídia e seus efeitos”.

Interessa destacar aqui novamente a ideia de agência pessoal, que podemos marcar pela fala de Oliveira e a condição de sujeito, sujeito constituído em tecido social e marcado pelos valores e práticas culturais que o circundam, condições alargadas pela mídia, em direção emancipadora ou não do indivíduo. Se tomarmos em conta que a possibilidade de contato com mais de uma forma de olhar o mundo é contexto que oferece caminhos de escolha, então precisamos defender acesso à mídia para todos os grupos sociais, em um movimento que seja democrático e marcado pelo respeito à diferença, sem violação de direitos.

Os exemplos e argumentos anteriormente apresentados permitem reafirmar que o conhecimento psicológico vem sendo apropriado pelo campo da comunicação e que é preciso enfrentar criticamente este uso, de maneira que os esforços oriundos da ciência psicológica sejam postos a serviço da emancipação de todos; tarefa que pressupõe o acesso democrático aos veículos de comunicação. Esta luta vem sendo fortemente abraçada pelo Conselho Federal de Psicologia. E nesta direção é preciso que haja políticas públicas que garantam maior igualdade de condições aos meios de comunicação.

Não se teve a pretensão de detalhar e esgotar todas as contribuições que a perspectiva teórica aqui privilegiada oferece, nem mesmo as possibilidades de diálogo que podem ser estabelecidas com ela; mas sim, procurou-se iniciar um diálogo entre os conhecimentos produzidos por esta abordagem frente aos desafios que a realidade social demanda como contribuição da ciência psicológica. E aqui encerramos este texto que abre campo para outras conversas que articulem a Teoria Social Cognitiva com as temáticas da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Bandura, A. (2001). Social cognitive theory of mass communications. In J. Bryant, & D. Zillman (eds.). *Media effects: Advances in theory and research*, (2ª ed.): (pp. 121-153). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bandura, A. (2002). Environmental sustainability by sociocognitive deceleration of population growth. In P. Schmuck, & W. Schultz (eds.). *The psychology of sustainable development* (pp. 209-238). Dordrecht, the Netherlands: Kluwer.
- Bandura, A. (2006a). Going global with social cognitive theory: From prospect to paydirt. In S. I. Donaldson, D. E. Berger, & K. Pezdek (eds.). *The rise of applied psychology: New frontiers and rewarding careers* (pp. 53-70). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Bandura, A. (2006b). On integrating social cognitive and social diffusion theories. In A. Singhal, & J. Dearing (eds.). *Communication of innovations: A journey with Ev Rogers*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Bandura, A., & Jourden, F. J. (1991). Self-regulatory mechanisms governing the impact of social comparison on complex decision-making. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 941-951.
- Calvino, M. (2009). *Mídia e Psicologia: produção de subjetividade e coletividade*. Mesa de abertura, 25-27, Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 364.
- Conselho Federal de Psicologia (2009). *Mídia e Psicologia: produção de subjetividade e coletividade*. Brasília, 364.
- Ferreira, M.R. (2009). *Mídia e Psicologia: produção de subjetividade e coletividade*. Mesa de abertura, 25-27, Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 364.

Folha de São Paulo. Conferência foca direitos humanos pós-Bush, de 24 de fevereiro de 2009, p. A8.

Gonçalves, M. da G.M. (2003). Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In Ozella, S. *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.

Oliveira, M. V. (2009). Mídia e produção de subjetividades: questões da cultura. *Mídia e Psicologia: produção de subjetividade e coletividade*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. 364.

Santos, B. de S. (org.). (2003). *Reconhecer para libertar*. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 613.

Recebido em: 21/04/2009. Aceito em: 10/02/2010.

Nota:

¹ PCM – <<http://www.populationmedia.org/what/sabido-method/adapting-and-replicating-the-method/>>; PCI – <http://www.population.org/programs_india_taru.shtml>. Todas as informações foram acessadas em 10/4/2009.

Autor:

Roberta Gurgel Azzi –Psicóloga (PUC-SP), Mestrado em Psicologia Experimental (USP) e Doutorado em Educação (UNICAMP). Docente da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Enviar correspondência para:

Roberta Gurgel Azzi
Faculdade de Educação – UNICAMP
Av. Bertrand Russel, 801 – Cidade Universitária “Zeferino Vaz”
CEP 13083-865, Campinas, SP, Brasil
E-mail: <azzi@unicamp.br>